

Luiz Bresser Pereira

Deputados constituintes

O sistema presidencialista brasileiro, ou seja, a eleição direta do presidente e dos governadores para o exercício pleno do Poder Executivo, é um obstáculo fundamental à consolidação da democracia brasileira, na medida em que impede a formação de um sistema partidário forte.

Não há democracia sem partidos políticos representativos. São os partidos, com seus respectivos vetores ideológicos, que asseguram minimamente a realização da vontade do povo. É através dos partidos que a alternância democrática de poder entre partidos de centro-esquerda e centro-direita se realiza nos regimes democráticos. Ora, torna-se muito difícil fortalecer os partidos quando ao eleitor é dada a alternativa de votar ou segundo o partido ou segundo o candidato a presidente ou a governador. Facilmente a luta política transforma-se em luta de personalidades, que passam a se dilacerar entre si, como vem ocorrendo na atual campanha.

É verdade que, afinal, na eleição para governador de São Paulo tudo indica que o partido prevaleceu sobre as personalidades. Orestes Quércia continua a aumentar sua vantagem sobre os adversários e deverá ser eleito. O PMDB derrotará assim o populismo personalista de Antônio Ermírio e Paulo Maluf. Mas para isso foi necessário que Quércia também conseguisse projetar uma imagem fortemente positiva —façanha que logrou graças ao horário gratuito de rádio e televisão.

Além de enfraquecer os partidos, o presidencialismo, nestas eleições, está enfraquecendo a Constituinte. Flávio Bierrenbach deve ter previsto isto quando, como relator da Comissão da Constituinte, pronunciou-se a favor de uma Assembléia Nacional Constituinte separada do Congresso e propôs que o assunto fosse decidido por um plebiscito. Foi preciso coragem para adotar essa posição, que afinal lhe custou o cargo de relator, já que ele ficou sem o apoio de seu próprio partido. Hoje, entretanto, a grande maioria das pessoas, inclusive muitos dos que se opuseram ou se mostraram indiferentes, concordam que ele tinha razão. A eleição para governadores está obscurecendo a campanha para o Congresso constituinte. O grande debate ideológico que deveria estar se travando em torno da Constituinte cede lugar a ataques pessoais que os candidatos e órgãos de imprensa se brindam uns aos outros.

E no entanto, nada é mais importante do que votar bem, conscientemente, para os constituintes. Para o Senado felizmente São Paulo elegerá dois democratas de primeira qualidade: Fernando Henrique Cardoso e Mário Covas. Mas para a Câmara dos Deputados não há qualquer certeza. Há candidatos comprando votos. Compram descaradamente. Pagam uma parte à vista e outra parte depois de computados os votos. A direita fisiológica instalada no PDS, no PTB e no PFL e marginalmente no PMDB, gasta milhões para compensar sua falta de mensagem. Por outro lado, poucos são os candidatos conservadores ou de direita ideológicos. Não votaria neles mas são dignos de respeito, na medida em que baseiam sua campanha em suas idéias e em sua própria vida. Em contrapartida, muitos são os candidatos de esquerda e de centro-esquerda ideológicos. São excelentes candidatos, que dividirão voto progressista do PMDB e do PT. Apesar do pouco espaço que estão tendo para debater suas idéias, devido ao domínio das eleições para governador, é razoável prever um avanço real da bancada progressista na Câmara dos Deputados.

Luiz Bresser Pereira escreve sempre às terças-feiras nesta coluna.

Cotidiano